O MARIDO EXTREMOSO; OU O PAI CUIDADOSO

comédia em cinco quadros[01]

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

PERSONAGENS

Régulo
Remo
Sancho
Um convidado
Ana
Maneca
Benico
Mandunguinha
Esquisito
Diversos dançantes
Tocadores de viola
Duas escravas
Professor de esgrima
Estudantes
Dunga
Córneo
Júlio
Lanceiro
Perna de Galinha
Televi
Mestre
Oficiais sapateiros
Pedro
Catinga
Presidente da Província
Comandante
Chefe de Polícia
Crianças

PRIMEIRO

RÉGULO *(para Remo)* — Sejamos honestos quanto às mulheres! Mas quanto ao mais, já que nos furtam — furtemos também! Se nos roubam — roubemos também. E assim seguimos o preceito do nosso Grande Vieira, hábil pregador, profundo Político, etc, etc.

REMO Mas, se nos roubarem as mulheres!?

RÉGULO Ah! então esse caso é mais melindroso.

REMO Mas diga-me. O que havemos de fazer?

RÉGULO Homem, isso tem seu quê... ou para que. *(Depois de longa pausa, muito apressadamente, e caminhando em roda para o lado de Remo):* Sabes o que mais convém? — roubar também. Se é crime, fica compensado; e ficamos indenizados sem ser preciso andar com a justiça às costas — da casa do Escrivão para a do Juiz; da do Juiz para a do letrado; da deste para a do meirinho, etc, etc. Justiça de Barcelos, ou de Barcelona, por exemplo. Apanho com um pau, dou com um pau *(bate no ombro de Remo com uma bengala).*

REMO Ai! homem! Isso não tem lugar. Bem vês que não te dei ainda paulada alguma. Que diabo de graça. E arde como sal e pimenta em ferida recente. Não! não! Não continues com essas graças!

RÉGULO Ó homem! de pouco te zangas! Que faria se eu te desse às deveras? Foi apenas uma pequena experiência ou um exemplo que quis dar-te, e já te mostras tão zangado! Que farias

se eu te desse às deveras *(bate com mais força).*

REMO — Ah! você está teimoso! Pois eu também vou dar-lhe pancadas! Vou também fazer exemplo! *(pega em uma cadeira e dá-lhe com ela).*

RÉGULO — Ai! ai! Este exemplo valeu por todos os que acabei de dar-te. Irra! irra! Régulo, sempre mostras que és um verdadeiro Régulo — nome que bem diz com a pessoa.

SANCHO *(entrando)* — Oh! vocês aqui! e a jogar o pau. Eu também entro. Vamos la! *(dá uma pancada em um. O outro dá-lhe com a cadeira):* Não vê que o jogo é só de dois? e que o Sr. não foi convidado?

SANCHO — Mas eu quis também fazer as minhas experiências, visto que eu ouvi falar em experiências; e eu gosto muito de me experimentar. . .

REMO — Pois V. Exª gosta de experiências? Lá vai *(dá-lhe outra bordoada).*

SANCHO — Nada! Nada! Façamos as pazes! Acabemos com as experiências de pau. Agora passemos às experiências de pensamento?

SANCHO — Agora, espere, ainda é cedo. Eu ainda não comecei. Depois que eu começar os Srs. não me hão-de querer ver acabar! *(Batendo na testa com força.)* Sai ou não sai? Ah! não quer sair; então há-de sair do nariz *(põe os dedos 'e assoa com força).* Lá vai um!

RÉGULO — Estás muito adiantado, mas as tuas experiências não me agradam. Vai plantar batatas, meu estúrdio *(empurrando a Sancho).*

REMO — E teve a audácia de nos vir interromper, este quadrúpede!

SANCHO — Então não querem ver mais? Está bem, em tal caso vou-me embora!

RÉGULO — Não vai daqui sem dar-me o chapéu para pagar-nos a maçada que nos deu! *(Tira-lhe o chapéu.)*

REMO *(para Régulo)* — Tu te contentas com o chapéu, e eu quero a bengala, que é melhor que a minha *(avança-se a ele e tira-a).* Agora, seu estúrdio *(apontando para a porta da rua):* Suma-se já, já daqui para fora! *(Dá-lhe um pontapé, Sancho grita, Régulo o empurra; é um barulho imenso. Mas aos socos, pontapés, empurrões <e gritos, põe Sancho na rua, ficando-lhe com o chapéu e a bengala.)*

RÉGULO *(para Remo, voltando ambos)* — Vamos! Vamos!. Tu te arranjaste de chapéu, e eu de bengala. . . ou. . . eu de bengala e tu de chapéu. Fujamos cada qual por sua porta, antes que por aqui chegue a Polícia.

(Safam-se ambos; um por uma porta, e outro por outra.)

SEGUNDO

UM DOS CONVIDADOS — *(dirigindo-se a uma das dançantes)* — Ora saia, Sra. Ana! Não vê aqui o seu maior apreciador — de chilenas e pelego para dançar, Dona Ana?

ANA — *(Moça nova e assaz gorda)* — Bem vejo, Sr. Maneca, que o Sr. é o moço mais lindo que pisa neste baile; mas não o vejo de faca e de pistola para amendrontar os rivais; e afugentar os iguais. Bem sabe que ninguém olha para mim que não me queira dar boquinhas, abraços e beijos!

MANECA — Já sei que tu és a mais adorada de toda esta patifada. Mas para os fazer levantar a cola, a correr baguais, não preciso de pistola. Basta a faca e o ponche[2] Vamos; vamos para a sala! *(pegando-a pela mão).*

ELA — Eh! pucha malaia[3]! O tocador está sem viola.

MANECA — O que diz, sia[4] Tagarela?

ELA — Olha aquela como levanta a saia! Parece que nunca dançou.

MANECA — Não é; foi o tocador que quase a matou, com a pancada que lhe deu. quando na viola bateu, quando a viola quebrou.
(Já se vê que o tocador, pouco antes, tem uma dúvida com outro. . . com um dançante; dá-Ihe com a viola, e quebra-a.)

BENICO — *(para seu par, Mandunguinlia)* — Abaixa a saia, Mandunguinha!

MANDUNGUINHA — Não quero! Hei-de levantar até o joelho; levantar, para mostrar que tenho umas pernas

bonitas como as lindas estrelas; grossas como os fortes engenhos!

ESQUISITO *(para um dos tocadores, empurrando-o, e depois jazendo uma volta, arrastando a chilena, levantando um braço, e deitando o outro, etc.)* — Que diabo tem essa rebeca, que não toca nada que se dance! *(Entretanto, outros bailam, jazendo cada qual as maiores asneiras e esquisitices que pode; proferindo gracejos, grosserias, e praticando-as de toda a espécie.)*

BENICO —- Agora, sim; já se ouve tocar.

UM DOS DANÇANTES, *(a quem se oferece um mate)* — Ora venha de lá esse chimarrão! *(Tomando.)* Está mesmo como uma língua de chimango.

OUTRO - Eu quando me abraço com uma gorducha como esta! *(abraçando-a)* não me lembro de mais nada neste mundo!

OUTRO - É puca mano Jucá![5] Se ele não andasse recolhendo as vacas do gado manso, quantos esporaços não daria aqui na tia Tubina, arrastando-lhe a roseta pela saia!

OUTRO - E o António ainda não chegaria com a eguada do Potreiro Velho? Eh puta diabo! Faz-me uma falta p'ras embigadas! Mas já que ele não veio, dou na tia Maria *(bate com os pés; arrasta as chilenas, e dá uma embigada em uma das mulheres que fica em frente).*

OUTRO - Toca bem essa viola, seu diabo! Quase não se ouve, quando se bate com as palmas, ou com os pés *(Batem palmas, fazem rodas, batem com os pés; de repente, um grito):* Fez pelego!" *(Há grandes gargalhadas.)*

OUTRO - Vai de roda! *(puxando um lenço do pescoço de uma das moças.)* Pra que quer lenço, se é tão bonito este pescoço? *(Tira e assoa-se. Atirando com este em outro.)* Lá vai! Aguar-

UM —- Já estou cansado como o diabo!

OUTRO — Pois vamos dormir que já são horas, pra amanhã parar rodeio cedo, que nestas já nós paremos!

OUTRO — Pois cá vou com a minha! *(Pega uma pelo braço e mete-se num quarto.)*

OUTRO — Eu também já vou. Não toque mais esse instrumento, seu tocador! *(pega em outra e sai dizendo:)* Foi meu par dançando; há-de sê-lo também camando![7]

OS OUTROS — Pois vamos todos! Ah, ah, ah! *(Arrastam as chilenas; sapateiam caminhando, fazem valas; rodas; abraçam as moças; e desaparecem, terminando assim o baile.)*

OS TOCADORES — Sempre nós somos os que mais trabalhamos, e os que menos gozamos. Os dançantes bailam, abraçam, falam, beijam; e nós? Apenas bebemos algum copo de cachaça ou de vinho que eles nos querem dar! Ainda é bom quando não nos quebram a cabeça com os instrumentos! Pois não toquemos mais *(atirando com as violas).* Vão-te, diabos! que d'agora em diante não queremos mais tocar. Nós queremos só dançar *(e saem).*

UMA ESCRAVA — É assim que esta cambada faz! Comem. Bebem. Sujam tudo como porcos no chiqueiro; e depois está a gente aqui tendo trabalho para arrumar e limpar isto *(com um pano limpam os mochos).* Olhem como eles deixaram as camas! Parecem ninhos de galinha choca. Cruzes! cruzes como similhantes demônios! *(Põe um pelego às costas e sai.)*

OUTRA ESCRAVA *(cuspindo-se)* — Tem! tem! Está fedendo a chulé! Ih!. . . vou-me embora; alguma outra que venha cá aturar este fedor! *(Sai.)*

(A mobília da sala não passa de uma cama de guascas, uma rede de couro, alguns tamboretes e um ou dois bancos de 4 a 6 palmos de comprimento, uma até duas mesas de 5 a 6 palmos.)

TERCEIRO

Lições de florete; espadão; espada; pistola e lança.

Um Professor e alguns discípulos; pistolas; espadas de pau; floretes, lanças.

Dois estudantes, entrando, um de espada, outro de florete.

O DA ESPADA — Guarde-se deste talho!

O DO FLORETE — Não se aflija, espere; quero pegar arma igual!

AQUELE — *(a quem chamaremos — Dunga)* — Nada! Quero medir a minha espada com o seu florete . .. Defenda-se, portanto!

O DO FLORETE — *(a quem chamaremos Córneo)* — Defendo-me; mas não é próprio de estudantes *(esbarra a espada no florete).*

DUNGA — O bom jogador, com qualquer arma se defende!

CÓRNEO — É verdade, Mas não é próprio d'estudantes. Entretanto, livre-se desta estocada *(dá-lhe um pontaço com o florete).*

DUNGA — *(rebatendo)* — Se não atira melhor, faço-lhe voar o florete pelos ares!

CÓRNEO — Descansemos um pouco; o meu florete está doente *(querendo examiná-lo).*

DUNGA — Quando se luta, não se dá tempo ao contrário para preparar as armas. Lá vai! *(Atira-lhe um pontaço, ele defende-se.)*

JÚLIO *(entrando de pistola em punho)* — Pois também quando os estudantes não são cavalheiros, encontram outros que lhes tiram a proa, pondo-se ao lado do cavalheirismo! *(Engatilha a pistola)* ou há-de jogar de florete, ou há-de esperar que o meu amigo se prepare d'espada! Escolha! Se nenhuma, nem outra cousa, então a luta é comigo! Ao menor movimento, um tiro de pistola no peito, ou na cabeça!

O DA ESPADA OU **DUNGA** Em vista disso, não jogo mais, nem de florete, nem de espada, nem de pistola. Queria mostrar que quando se briga, não se escolhem armas! Que se ataca ou se defende com a que temos! Não querem, não ensinarei mais! *(Atira com a espada na bainlw e sai.)*

JÚLIO *(para Córneo)* — Vamos nos entreter por cinco minutos! *(toma um florete):* Livre-se desta na barriga! *(Atira-lhe o florete, Córneo defende-se.)*

JÚLIO - Na cabeça!

CÓRNEO - No peito!

JÚLIO - No ombro direito!

CÓRNEO - No braço! *(Depois de diversos tiros em que ambos saem perfeitamente bem.)*

UM LANCEIRO *(entrando)* — Agora há-de ser de lança!

ELES - Nada, nada! Já estamos cansados! *(Embainhando os floretes.)* Agora vem Perna de Galinha jogar contigo a lança! Espera um pouco. *(Entra um indivíduo alto, magro, com uma lança.)*

PERNA DE GALINHA • - Ê agora, amigos! Veremos aqui quem é o valente. *(Faz alguns manejos com a lança):* Eh! puxa malaia![8] quem não é toco, não se meta; senão enfio-lhe a reta! Lá vai um lançaço pela esquerda!

AQUELE *(a quem chamaremos Telivi)* — Não atire, senão, eu morro! Cuidado! *(Batem e entrelaçam as armas.)*

(Entram outros; pegam espadas; os de florete desembainham estes; e jogam quatro — lança, espada, florete e pistola. Depois de alguns exercícios, entra o mestre, homem feio e de aspecto assustador *(bate palmas).* Bravos! Vivam os nossos discípulos! Estão prontos, prontos e mais prontos! já podem dentro, fora do Império — debelar os inimigos da Pátria! *(Descem todos as armas, apontam para o chão.)*

UM DELES — Em presença de nosso Mestre, desce tudo e saia gente, que aprendeu de um grão Tenente!

QUARTO

Casa de sapataria e alfaiataria

CERTO INDIVIDUO — *(que entra; para um dos oficiais que parece Mestre)* — O Sr. tem sapatos?

O MESTRE — De todas as qualidades.

O INDIVÍDUO — Vejamos. *(O Mestre mostra-lhe alguns pares; ele escolhei; calça; mexe e remexe; e não acha algum que lhe sirva.)* Nada! nada! Este é grande, aquele pequeno, este outro apertado! Nenhum serve.

UM OFICIAL — *(para os outros)* — Este diabo deste homem é o mais difícil de contentar que eu tenho conhecido.

O MESTRE — Pois é dos que temos.

INDIVÍDUO — Vejamos as botinas.

O MESTRE — Eis aqui algumas *(Apresenta-lhe.)*

INDIVÍDUO — *(examinando-as)* — Está larga; e tem o bico torto. *(Experimenta outra.)* Oh! esta tem o salto às avessas! *(Vê outra.)* Que diabo! até os puxadores são diferentes!

O MESTRE — Olhe que não são gavetas! Isto não tem puxadores. São alças.

INDIVÍDUO — Não! Nada. Não me servem! Vejamos as botas.

O MESTRE — É preciso muita paciência para aturá-lo. Enfim, aqui tem mais alguns pares *(Dá-lhe.)*

INDIVÍDUO — *(pegando em uma, examinando e não achando boa)* — Que diabo! *(Pegando em outra):* Esta

está um pouco melhor; mas ainda assim. .. não sei que lhe diga! *(Calça outra e acha boa):* esta serve; mas eu não pago a este diabo! *(Depois de calçar, agarra uma das outras em cada mão, e para o Mestre.)* A você eu perdoo, mas os discípulos levam com esta porcaria pela cara *(atira com uma na cara de um; com outra na cara de outro, saindo).* Isto é para outra vez fazerem obra melhor *(sai pisando mui fortemente.)*
(O Mestre apita; os discípulos querem correr atrás dele; pegam em tirapés[9]; levantam-se; jazem um barulho imenso; mas ele safa-se.)

ESTE — O Sr. tem calças de morroquim?

O MESTRE — Onde viu o sr. — calças de marroquim?

O INDIVÍDUO *(a quem chamamos Catinga)* — Ah! não são de marroquim; são de alfinim, ou de toquim.

MESTRE — De toquim, não tem. Mesmo dessa qualidade, penso que só para xales!

CATINGA — Vejamos das que tem.

O MESTRE *(tirando alguns pares)* — Ora, Deus queira o Sr. não venha aqui especular, como o que daqui saiu há pouco. Estou com bem receio de o aturar! Enfim, quem tem casa de negócio dispõe-se a tudo. *(Mostra-lhe alguns pares que tirou da prateleira.)*

CATINGA *(tirando alguns pares)* — Ora, Deus queira o *Mestre:)* — Está boa. Quanto custa?

MESTRE — O metro, 20 francos.

CATINGA — É barato; e como vende por tão, pouco dinheiro as suas obras. Vejamos um paletó. *(O Mestre mostra-lhe alguns.)*

CATINGA *(veste; acha um que lhe agrada)* — Está étimo para o inverno. Serve-me. O preço?

MESTRE — Isto é obra muito mais fina; é para 100$000.

AQUELE — Ainda não é caro. Serve-me. Coletes, tem? Quero casimira da mais fina que tiver.
(O Mestre mostra-lhe alguns.)

CATINGA *(vestindo um e achando ótimo)* — Ficarei com este. Pode tirar a conta de tudo, e mandar à casa de sobrado nº 250, 2º andar, à rua dos Preguiçosos. *(Quer sair; o Mestre bota-lhe a mão.)* Mas eu não o conheço!

CATINGA — Já lhe disse que mande a tal rua, a tal casa; o que mais quer!?

MESTRE — Não sei. Quem o Sr. é?

CATINGA — Saiba, ou não saiba, faça o que lhe digo; e quanto ao mais, fica à minha conta!

MESTRE — Não, filho! não posso, não tenho quem vá lá!

CATINGA — Ah! não tenho quem vá; pois eu tenho cá *(puxa por um punhal):* Eu só não é que hei-de ser roubado, e matado, como as senhoras autoridades me roubam e assassinam; é porque querem também que eu roube e assassine! A época será de roubo e assassinato *(puxa de todo o punhal, crava-o no peito do Mestre, dizendo.)* Eis a paga! *(Safa-se.)*

(Os discípulos procuram curar o Mestre; cercam-o[10]; amarram a ferida; depois de preparado, este.)

MESTRE — Eis as consequências de um país mal policiado, ou onde as Autoridades, como também alguns outros — dão o mau exemplo do roubo, da violência e da rapina! O cidadão tranquilo, trabalhador, honesto, é em sua casa apunhalado e roubado do que tem! O adúltero, o ladrão, o assassino — protegido, amparado, e quiçá louvado e elevado! Por isso tantas guerras! tantas pestes! tantas mortes! tantos males!

OS DISCÍPULOS *(uns para os outros)* — Agora é preciso cada um de nós ter a nossa faca afiada e pronta para quando alguém entrar mesmo de pé, e ao primeiro movimento, lançar algum rico por terra; e ir haver à polícia o prêmio de nosso grande feito de armas!?

TODOS — Apoiado! Apoiado! Faremos da oficina um baluarte ou. ..

o MESTRE — É pouco um baluarte. Será uma fortaleza contra todos os nossos fregueses. Matá-lo-emos logo à entrada, a fim de roubarmos quanto dinheiro tiverem, muito à nossa vontade! E assim não precisamos mais trabalhos de sapateiro ou mesmo de alfaiate!

TODOS — Juremos!

(O Mestre dá as duas mãos aos discípulos, estes ligam-se assim todos; formam uma cadeia; em voz bem alta, dizem: Unidos pela força, e pelo segredo! Mataremos; roubaremos e enriqueceremos.

QUINTO

Pedro, preso pela Polícia, por falsas acusações, ou calúnias, ou simples más intenções desta, em presença de um Presidente, chefe de Polícia, um comandante de um corpo, e mais alguns indivíduos.

CHEFE DE POLÍCIA — *(queixando-se ao Presidente)* — Venho, Senhor, perante V. Exª reclamar por um doente! Tendo eu dado ordens que certo soldado fosse à Polícia apresentar-se para dela ser praça, soube entretanto com o maior desprazer ter o mesmo ido apresentar-se ao corpo da Guarda Nacional desta cidade. Acho neste fato um escárnio à Autoridade; às leis e ao Governo!

O PRESIDENTE — Eu não autorizo tais atos. E todas as vezes que deles tiver conhecimento, fique certo que hei-de dar as providências necessárias para que nada sofra a justiça; e seja a ofensa reparada, como para que se não repitam.

CHEFE — É isso mesmo o que todos desejam! E é a causa da minha representação a V. Exª, por saber de suas boas disposições a respeito!

O PRESIDENTE — *(para o comandante)* — É preciso pôr à disposição do Sr. Dr. Chefe de Polícia o soldado de quem ele fala, visto que tinha-lhe dado outro destino.

O COMANDANTE — Não ponho a menor dúvida! E se ele é hoje praça do meu Corpo, não é isso devido a procederes meus. Houve apenas um engano entre os soldados, e por esse motivo deu-se tal fato! Eis um bilhete que recebi, em razão do qual o admiti como praça. *(Lê.)*

O PRESIDENTE — Pois bem, então não há dúvida alguma. Foi um engano de nome, e o Sr. Chefe de Polícia providenciará a respeito, como mais convier.

CHEFE — Eu entendo que era um mal para o serviço público; pois podia trazer outros ainda maiores, como o desprestígio à Autoridade; e é por isso que venho fazer esta reclamação. Mas estou satisfeito; e pode o soldado continuar como praça do seu Corpo.

O COMANDANTE Obrigado! Obrigado!

PEDRO — Já que se tratou de direitos, de reparação de ofensas a estes feitas, eu perguntarei a V. Exª *(dirigindo-se ao Dr. Chefe de Polícia):* O que pretende respectivamente a objetos de minha propriedade, que me foram tirados por violências, e que se acham ainda na Polícia, conquanto três vezes eu os haja requerido?

O CHEFE - O Sr. . . *(gaguejando; e querendo dirigir-se ao Presidente):* Não há nada a ponderar; porém a narrar — que eu estava em uma de minhas propriedades, e no seio de minha Família, que os objetos de que trato existiam em um dos quartos de minha casa, como existem nas prateleiras das lojas de ferragens, numerosas de tal qualidade; que estando eu descansando um pouco das fadigas da manhã, e apenas nessa ocasião com um criado, entra força armada, e roubando-me a doce liberdade, o maior dos bens que se pode gozar sobre a Terra, com ela roubaram-me também **tais** objetos!

CHEFE — Mas eu não tenho culpa; a culpa é do Delegado!

PRESIDENTE — V. Sª tem culpa, porque o não demitiu logo que soube desse atentado contra o direito de propriedade, e de liberdade de um seu concidadão! Tem culpa, porque ainda está coonestando esse ato indigno desse seu delegado, conservando em seu poder objetos que ele mesmo roubou a esse seu concidadão!

CHEFE — Mas o que quer que eu lhe faça!? Sua mulher é que teve a culpa. Ao menos ele diz que ela foi se queixar. Agora é ir lá sem armas.

PEDRO *(com indignação)* — V. Exª pensa que eu sou alguma criança? Pode dar os seus conselhos àquela criança *(apontando para a criança, cujo choro se ouve)*, eu os desprezo e nem desejo ouvi-los. Tem sido esta a desgraçada marcha seguida pela Polícia há dois anos para cá! E não sei por que fatal coincidência quantos crimes se têm perpetrado para comigo, e para com minha inocente e particular família — outras tantas desgraças tem experimentado o Império, nesta ou naquela de suas partes. Qual é o dever de um bom Governo, e com especialidade de uma boa Polícia, esse poderoso auxílio do Ministério Público!? Qual é, pergunto, um de seus primeiros deveres, senão procurar dar boa educação à juventude!? Qual o segundo, senão ampará-la da prostituição, da fome, da nudez, e de milhares de outros males, dando-lhe o trabalho, ocupação ou o amparo de seu País!? Não vê a Polícia que continuando a destruir em vez de edificar, não poderá trazer senão a ruína do Estado!? Não vê — que está traindo a si própria, àqueles que a nomearam, e aos quais sustentam os impostos que pagam!? Não conhece que, se não respeita os direitos de todos, sejam quais forem as suas espécies, os seus também serão menosprezados, quer como cidadãos, quer como Autoridades, pois que uns e outros nascem das mesmas fontes, das Leis que as criou, e pelas quais eles se mantêm!?

UM DOS CIRCUNSTANTES — Muito apoiado! Apoiadíssimo!

OUTRO *(retirando-se, pegando o chapéu e despedindo-se)* — Não se incomode, Sr. Pedro. Tudo o que o Sr. quer há-de conseguir.

PRESIDENTE *(levantando-se)* — Eu pretendo ir ver os fogos, e creio que já vão sendo horas.
(Todos levantam-se, despedem-se e saem com um Major e o Chefe de Polícia.)

PEDRO *(logo depois para o Presidente)* — Retiro-me; também; e muito estimarei que V. Exª tenha uma bela noite.

PRESIDENTE *(só, para um filho)* — Não querem ver que este homem pode ser muito mais útil em companhia de sua Família que só. É tirania! Parece que estamos em um país de bárbaros. Entretanto, ninguém pode negar que, apesar dos maiores sofrimentos, ainda é — O Marido Extremoso; ou o Pai Cuidadoso!

(Diversos senhores entram na sala, e mais pessoas da família. Algumas crianças cantando e dançando em roda do Pai:) — Vamos, vamos aos fogos! Vamos passear. Vamos ao teatro. Vamos!

o PRESIDENTE — Estão todos prontos?

TODOS — Estamos: e só às suas ordens.

PRESIDENTE *(voltando para o público)* — Quanto é doce o ser Pai de Família, e com ela viver harmoniosamente — só pode conhecer quem como eu neste momento se enche de prazer e de júbilo!

(Fim do quinto e último e da comédia)

Por — José Joaquim de Campos Leão

Qorpo-Santo

Maio de 1865

Porto Alegre, beco do Rosário, Sobrado

N O T A

Não tendo eu jamais lido o que escrevi há mais de onze anos, e só agora corrigindo as provas — não podia saber que esta Comédia encerrava cinco Quadros, lendo-se na página primeira quatro, senão nas últimas.

Porto Alegre, Junho 11 de 1877

NOTAS

1. No texto impresso consta "em 4 quadros". O A. só se deu conta de que eram 5 ao rever as provas tipográficas. V. nota ao final desta comédia. Aliás, temos aqui uma das peças mais caóticas de Qorpo-Santo. Sua republicação serve, quando nada, para documentar o estado agudo de insanidade vivido pelo A. em 1877. Não obstante, o QUADRO SEGUNDO é excelente, inclusive no que diz respeito à linguagem coloquial do gaúcho da Campanha e a seus costumes. Só por isso vale a pena ler com atenção esta comédia.
2. Ponche = poncho.
3. *Eh! pucha!* é uma interjeição muito usada no Rio Grande do Sul. Não está, porém, dicionarizada a forma do texto.
4. Sia = senhora. Tratamento dado a mulheres do povo, no Rio Grande do Sul.
5. Assim no texto impresso. Deve ser uma gralha tipográfica. O A. queria dizer *Epucha,* como se grafava na época.
6. *Fazer pelego,* na linguagem do interior gaúcho, significa: *errar na dança.*
1. A forma *acamar* é mais usada que *camar.* Aqui, esse gerúndio — *comando* tem sentido erótico evidente.
8. V. nota 3.
9. Correia de couro com -que os sapateiros seguram a obra sobre a forma posta no joelho. — Caldas Aulete, *Dic. Contemporâneo da Língua Portuguesa, 2ª* ed. bras.
10. Sic.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo